



Hilário
A visitação da Pintura

Diante da Pintura de Hilário, somos frequentemente tentados a pensar num trabalho de grande orquestração cromática. Vindas das regiões onde o som é cúmplice do rosto do indizível, as cores assumem-se como instrumentos, teclados e finas cordas distendidas que na tela constróem possessivamente a sua metamorfose. Porque a possessão é uma das forças desta pintura.

A noção de tempo musical ocorre também numa aproximação imediata da linguagem de um pintor que fez do gesto rápido e do veemente e apaixonado apropriar-se do espaço um modo de perspectivar durações, relacionar o efémero e o persistente, criar ritmos e andamentos e iluminar, através do intuitivamente descoberto, as imagens de reflexões fugidias, de súbito organizadas. Porque a intuição corre nestes quadros como uma seiva pródiga.

Manchas circulares mergulham em ocrens verdosos, visitações de luminosidade, pesados tons escuros, repentinas irrupções de cores agudas e superfícies neutras. O olhar viaja com o gesto, segue no cerne ondulatório do seu movimento e desta dinâmica que resolutamente vive como o pulsar de um estado de paixão.

Possessiva, intuitiva e apaixonada, a pintura de Hilário reconduz-nos musicalmente ao ritual da criação e ao gesto no mais límpido exercício da comunicação humana.

Francisco de Sousa Neves
Galeria Diário de Notícias
Lisboa-Janeiro de 1983

Já Carlos Arean escrevera que as telas de Hilário tomavam conta do espectador. É verdade: ao primeiro olhar, o que acontece é a surpresa, mas depois é o êxtase. Os olhos dos espectadores não estão habituados a uma tão difícil simplicidade, a um equilíbrio tão aparentemente fácil, a cores tão virgens, a linhas tão harmoniosas entre si e por elas próprias, a manchas tão subjectivas e, ao mesmo tempo, tão *pintura*. Mas depois, passado o choque de surpresa, o espectador fica preso àquele abstraccionismo tão puro, tão incrível, tentando encontrar respostas para algo que não coloca questões, tentando entender racionalmente a tela que já amou, instintivamente, emocionalmente, abstractamente.

Este estado de graça: conseguir abstrair-se de tudo o que se sabe, de toda a carga cultural que a vida, a família, o passado, nos transmite, e fazer pintura pura, sem formas concretas, sem alusões a imagens correntes, sem a introdução do elemento poesia (muito comum a pintores abstractos europeus, como Tapies, como Bazaine, como Maria Helena Vieira da Silva), esse estado de graça, dizia conquista-se, verdadeiramente, através de uma experiência sensorial, sensitiva, íntima e ao longo dos anos.

Há ainda uma pequena frase de Matisse, soberba, que ilustra perfeitamente como Hilário pinta: "O momento em que a minha mão canta sozinha".

Por outro lado, a primeira comunicação da pintura de Hilário é a de alegria. Movimento, musicalidade, alegria, são os três elementos que sobressaem das abstracções de Hilário, e isso de uma maneira perfeitamente natural, sem desequilíbrios estéticos, porque os gestos do pintor são a reprodução das suas emoções, e as suas emoções são compostas de sentimentos abstractos - a essência da música, a intenção do movimento, a sensação da alegria.

Há alguns quadros de Hilário que atingiram o nível de uma pintura clássica. Por vezes, de facto, a textura, as tonalidades, os gestos impressos, o ambiente dos quadros, parecem ter atingido o máximo que o pintor pode conseguir realizar e então apetece-nos classificar a tela de clássica, do passado, em algo que deve ser conservado para sempre, como testemunho cultural de uma época, de um país, de uma sensibilidade.

A sua pintura é demasiado avançada no abstraccionismo-gestualista que ainda hoje se pratica e admira. As suas telas - espaços privilegiados de pintura pura - terão ainda maior importância dentro de quinze, vinte anos, quando se chegar a um abstraccionismo completamente "matissiano", quando a cor for, por si só, aceite como pintura total.

Então se verificará o enorme passo dado com a impressionante originalidade da pintura pura de Hilário Teixeira Lopes.

Quirino Teixeira,
in "Hilário - Hilário Teixeira Lopes, Vida e Obra",
Edição Tagol, Lisboa, 1990.



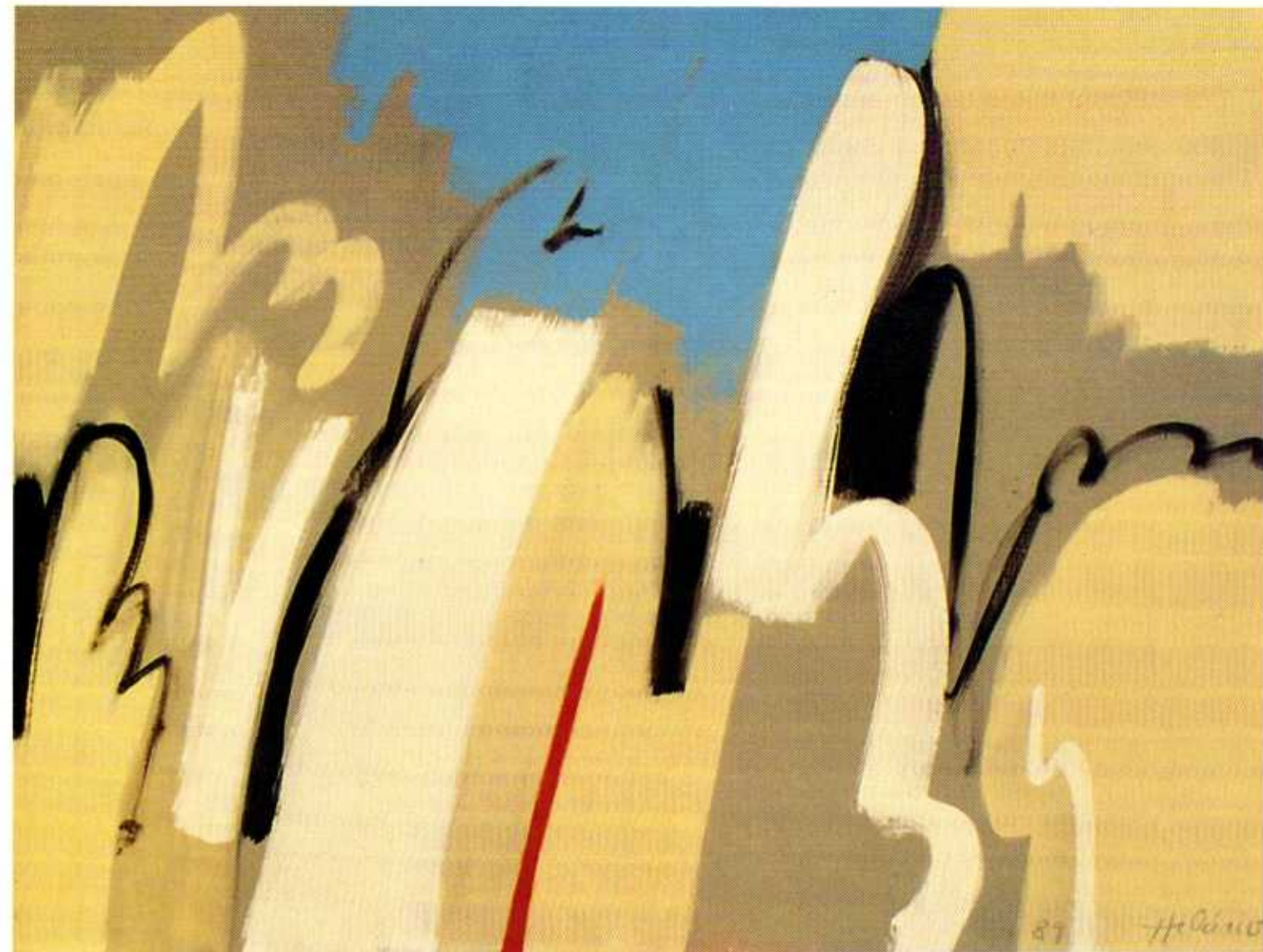
MOVIMENTO
ARTE
CONTEMPORÂNEA

Rua do Sol
ao Rato, 9 C
1250 Lisboa
Tel.: 3850789
Fax: 3850789

Colaboração:



GRÁFICO DE IENSE



HILÁRIO TEIXEIRA LOPES

OBRAS INÉDITAS

1988/90

FASE GRIS

Hilário

HILÁRIO TEIXEIRA LOPES

Nasceu em Mirandela, a 14 de Maio de 1932. Cursou Pintura na Escola António Arroio, em Lisboa. Recebeu lições do Mestre Celestino Alves. Trabalhou com e sob orientação de R Leone. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, em 1963.

Exposições Individuais

Realizou 29 exposições individuais, das quais se salienta a realizada no Museo Español de Arte Contemporáneo, em Madrid, em 1971 (por convite da Comisaria General de Exposiciones/Dirección General de Bellas Artes, Ministerio de Educación y Ciencia de Espanha).

Exposições Colectivas no País (Algumas):

Participou em cerca de 400 exposições colectivas das quais salientamos em Portugal: **1950/54** - Exposição do C.A.C.M.A., Sociedade Nacional de Belas Artes. **1959** - Salão da Primavera, Sociedade Nacional de Belas Artes, os Salões de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes. **1961** -II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. **1975** - Abstracção Hoje, Sociedade Nacional de Belas Artes. **1982** - Iª Exposição de Arte Moderna "ARUS", Museu Soares dos Reis, no Porto, e Sociedade Nacional de Belas Artes. **1983** - O Papel como Suporte, Sociedade Nacional de Belas Artes. **1984/5** - Exposição Homenagem dos Artistas Portugueses a Almada Negreiros, Galeria Almada Negreiros, Secretaria do Estado da Cultura. **1986** - Exposição Operação Ensino Árvore, Portex, Porto; V Bienal de Vila Nova de Cerveira; Exposição Artistas de António Arroio, Sociedade Nacional de Belas Artes; III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. **1987** - II Bienal Escultura/Desenho, Museu Municipal António Duarte, Caldas da Rainha. **1988** - I Artejo 88, no Mosteiro dos Jerónimos. **1989** - Exposição de Pintura, Grande Formato, Galeria Viragem, Cascais; Colectiva, Pintura/Escultura/Desenho, Galeria Ariarte, Lisboa; I Anual Arte Moderna, Lagoa; Colectiva, Galeria de S. Francisco, Lisboa; Exposição Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Galeria de S. Francisco, Lisboa; Exposição de Pintura Comemorativa dos 125 Anos do "Diário de Notícias", Galeria DN, Lisboa. **1990** - Comemoração do 33º Aniversário da Galeria Diário de Notícias; I Exposição de Pintura Actual Portuguesa, Idanha-a-Nova **1991** - I Bienal do Concelho do Sabugal; Exposição do Grupo Paralelo na Galeria Diário de Notícias, Lisboa. **1992** - Colectiva na Galeria Miron, Lisboa; Exposição do Grupo Paralelo na Galeria Loios, Porto; I Lisboaarte na Galeria Caixa Da Arte, Porto. **1993** - Pequeno Formato, Galeria Caixa Da Arte, Porto; Cooperativa Árvore, "Exposição de Pintura, Comemorativa dos 90 Anos do Boavista Futebol Clube", Porto, Auditório Municipal de Gondomar, Exposição "Prémio Nacional de Pintura, Júlio Resende". **1994/1995/1996** - MAC-Movimento Arte Contemporânea, Lisboa.

No Estrangeiro:

1961 - II Bienal de Paris. **1963** -IV Salão Internacional Bosio, Monte Carlo, Mónaco. **1965** -VIII Bienal de São Paulo; Universidade de Anchorage, Alasca, USA; Salas H. Stern, Rio de Janeiro; Pavilhão de Portugal, Rio de Janeiro, Brasil. **1968** - Sala de Santa Catalina del Ateneo, Madrid. **1969** - II Bienal Internacional del Deporte en Las Bellas Artes, Madrid, Espanha. " 11 Artistas Portugueses", Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Brasil. **1970** - IX Premi Internacional Dibux Joan Miró, Barcelona. **1971** -III Bienal Internacional Del Deporte en Las Bellas Artes, Barcelona; X Premi Internacional Dibux Joan Miró, Barcelona. **1972** -Anne Barchet Galeria de Arte, Madrid; XI Premi Internacional Dibux Joan Miró, Barcelona. **1979** - Museu de Luanda, Angola. **1982** - 15 Anos de Deporte en el Arte, Madrid; Exposição Operação Ensino Árvore, Biblioteca Municipal de Bordéus e Associação France - Portugal, Pau, França. **1986** - IX Bienal Internacional Del Deporte en Las Bellas Artes, Barcelona; **1988** - Arte Portuguesa Contemporânea, Museu Nacional de Literatura, Praga, e Palácio Passy, Bratislav, Checoslováquia; "Cinco Maneiras de Ver", Galeria Luise, Hanover, República Federal Alemã **1989** - "Cinco Maneiras de Ver", Dresdner-Bank-Munich, Alemanha. **1989** - Fiera Internazionale di Arte Contemporânea, Bolonha, Itália. **1991** - Fiera Internazionale di Arte Contemporânea, Bolonha, Itália. **1992** - Fiera Internazionale di Arte Contemporânea, Bolonha, Itália; X Bienal Internacional del Deporte en Las Bellas Artes, Barcelona.

Prémios:

Possui dez prémios, de entre os quais se destacam o Prémio Nacional Sousa-Cardoso, em **1965**, e o Primeiro Prémio em Pintura na II Bienal Internacional del Deporte en las Bellas Artes, em Madrid, em **1969** (participaram nesta bienal 416 artistas de 32 países).

Bibliografia:

Dicionário de Pintura Portuguesa, José Augusto França, Estúdios Cor, Lisboa, 1973. **Portuguese 20th Century Artists, A Biographical Dictionary**, Michael Tannock, Phillimore & Co., 1978. **Dicionário de Pintura Universal**, Vol. II, Estúdios Cor, Lisboa, 1965. **Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal**, Fernando de Pamplona, Vol. II 2ª Edição, Livraria Civilização, Lisboa, 1988. **The-New York Art Review**, Leo Castelli, Ler Krantz Edition, N. York/London. **Dicionário de Arte Contemporânea**, Editorial Presença. **Catálogo Geral de Artistas Ibero-Americanos 1900/1990**, Editora Arabel, Madrid, 1990. **Art Seen In**, Helen Hood Reinhold, Palm Beach Illustrated, March, 1981. **HILÁRIO - Hilário Teixeira Lopes, Vida e Obra**, Quirino Teixeira e Ana Mafalda de Castro Portugal, Edição Tagol, Lisboa, 1990. **Aspecto das Artes Plásticas em Portugal**, Ed. Fernando Infante do Carmo, 1992. **Guia d'Arte 92/93/94**, Ed. Artes e Leilões / SECI. **Arteguia Directório de Arte Espanha & Portugal**, António Villa-Toro, Ed. Fernán Gomez. **10 Anos de Artes Plásticas e Arquitectura 1974/84**, Rui Mário Gonçalves e Francisco de Silva Dias, Editorial Caminho, Lisboa, 1985. **Catálogo Nacional de Antiquários e de Arte**, Estar Edª, 1994/5. **Artes Plásticas Portugal - o Artista, seu mercado**, Narciso Martins, Adrian Publishers, Porto, 1993. **Art Diary 1983/4** - The World's Art Directory, Giancarlo Politi Editore, 1993.

(RESUMO CURRICULAR)



Estamos ante las obras de un auténtico artista. Auténtico artista porque Hilário es un gran creador de formas, como se puede verificar en esta Exposición que presenta en el Museo Español de Arte Contemporáneo de Madrid.

Hilário está siempre en permanente actividad. Artista de una gran inquietud emocional, ha pasado por varios períodos estéticos, desde el abstracto al figurativo; del expresionismo hasta una nueva figuración. En su fase de aplicación de nuevos materiales, donde la madera, el hierro, las pieles, los clavos y otros objetos se integraban en un espacio estético en permanente conflicto con lo dramático y humano; Hilário ha tenido siempre un fuerte sentido geométrico en sus composiciones.

Cuando en 1965 Hilário gana el «Premio Sousa Cardoso» – el premio más importante de pintura instituido en Portugal, su pintura empieza a evolucionar hacia un sentido cromático lleno de intensidades expresivas, en que los volúmenes rígidamente definidos en colores planos, arrancan hacia un esfuerzo emocional, en que los movimientos se definen por múltiples dicotomías, entre planos y espacios.

Esta evolución suya culmina en 1969 con el cuadro «Fútbol U. S. A.», con el que justamente ganó el Primer Premio de Pintura en la II Bienal Internacional del Deporte en las Bellas Artes, que se realizó en Madrid. En esa ocasión, toda la crítica válida madrileña fue unánime en reconocer la justicia del premio y en verificar que el pintor portugués era incontestablemente en aquella Bienal uno de los casos más positivos.

Pero Hilário, entusiasta, siempre insatisfecho con lo que hace, no se ha quedado sentado en la sombra.

El galardón conquistado entonces en Madrid le da nuevos estímulos y empieza a trabajar ávidamente, en una solución pictórica francamente coherente con lo que venía produciendo, pero ahora una pintura llena de cualidades matéricas, donde el color siempre exaltado es, a veces, tratado con múltiples matices, hasta el último refinamiento.

Hilário obedece a sus impulsos emocionales con una pintura ordenada y equilibrada en una pureza de formas, donde su libertad de expresión alcanza resultados de estructuras, en que el color, las líneas, las formas y los volúmenes están perfectamente integrados en un sistema de arquitecturas; donde a veces las figuraciones eróticas están claramente expuestas en deliciosos arabescos cromáticos, con juegos de luz que se bastan a sí mismos en cada tipo del plano del cuadro.

Por esto mismo, la pintura de Hilário es humana y poética con un fuerte poder sensitivo, donde el espacio y el color alcanzan las mayores expresiones en una pintura que tiene como finalidad suprema una sincera libertad de comunicación.

Es éste, pues, el gran privilegio de estas nuevas inventivas de Hilário, un pintor portugués lleno de real talento, que ha alcanzado hace mucho las fronteras de la fama internacional.

Mário de Oliveira.

Mayo de 1971

(Texto do catálogo da exposição individual realizada no Museo Español de Arte Contemporáneo de Madrid, em Maio de 1971)